

O LIVRO NO SÉCULO XXI: ANALISANDO ZATCH BELL

Laís GONÇALVES

Lucilene LOPES DE MORAES

(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar o papel do livro, como objeto estabilizador de ideologias, dentro do anime Zatch Bell. Na parte inicial faz-se uma pequena introdução de alguns conceitos como a interpelação de indivíduos em sujeitos por meio do discurso, seguida por um parecer sobre o valor social do livro no século XXI e os meios de difusão desse valor. Segue então um breve histórico sobre a necessidade, a criação e a função social do livro no decorrer da História, e uma descrição sucinta do contexto histórico do Japão no pós-guerra e dos conceitos da Análise de Discurso, sendo ambos mister para a parte final do trabalho que é a análise do *corpus* selecionado.

Palavras-chave: Livro, Análise do Discurso, Anime - Mangá, Ideologia, Linguagem.

Introdução

Quem somos nós? Essa pergunta é bastante intrigante, e muitas vezes quando indagada, a resposta que a segue é cheia de hesitações, de incertezas, ou de ponderações como “sob que perspectiva? Emocional, intelectual?...”. Para Althusser (1998) a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e, segundo Pêcheux (1990), o lugar da ideologia é o discurso o qual, por sua vez, media nossa relação com os objetos do mundo. Partindo do pressuposto de que somos sujeitos ideologicamente constituídos, consideramos que os autores de livros são comprometidos ideologicamente, e, como tal, capazes de fazerem revoluções no mundo levando-o tanto ao progresso quanto à sua destruição.

Também, é relevante lembrar que outro meio de estabilização de ideologias e, portanto, de constituição de sujeitos, muito importante no nosso século, devido à sua popularidade, é a televisão. É por meio única e exclusivamente dela que muitas pessoas têm acesso à informação, embora os livros já estejam por aí há muito mais tempo. Ou seja, muitas pessoas somente têm acesso aos livros ou ao que é dito sobre os livros através dela.

Um exemplo claro disto é que no século XXI os livros têm uma imagem positiva. Pessoas que lêem livros, que andam com livros, que compram livros, são vistas como pessoas intelectuais, estudadas. Hoje ao perguntar a alguém se ele ou ela lê, se ele ou ela gosta de ler, caso a resposta seja negativa, ela nunca é

respondida naturalmente, pois, dada a valorização da leitura, não ler ou não gostar de ler é algo negativo. Uma das formas de propagação dessa imagem da leitura é a televisão. Por meio de filmes, desenhos animados, novelas, noticiários, comerciais, todos os públicos nos mais variados horários são interpelados. Há um comercial da MTV, por exemplo, que consiste na seguinte interjeição “Desliga a TV e vai ler um livro!”.

Outro exemplo pode ser a animação “A Bela e a Fera” da Walt Disney Pictures, no qual há uma cena em que Bela vai à biblioteca para devolver um livro o qual ela já releu muitas vezes. Observamos que na animação o livro é apresentado como fonte de sabedoria, e a leitura como um prazer. O ambiente da biblioteca tem uma caracterização positiva: muito bem iluminado, com cores puxadas para o dourado e amarelo, com um “baú” colocado entre os livros na estante, assim como uma xícara de chá remetendo a um ambiente acolhedor. O bibliotecário era um velhinho amável (o que também remete à figura do sábio).

São históricos os registros da necessidade do homem de escrever. Mesmo em sociedades que nunca chegaram a desenvolver a escrita há registros de outros símbolos que não deixam de guardar em si a história daquela sociedade.

No final da Idade Média europeia, a importância do papel cresce devido à expansão do comércio europeu e torna-se produto essencial para a administração pública e para a divulgação literária. Mas foi na China, no final do século II da era Cristã, que a história da impressão sobre papel começou. Tanto que os textos mais antigos que se conhece são orações budistas, os quais foram feitos no Japão entre 764 e 770, e o primeiro livro propriamente dito de que se tem notícia apareceu na China em 868. No entanto, quem deu o impulso definitivo na invenção foi Gutenberg, a quem foi atribuída a primeira Bíblia impressa, conhecida como “a Bíblia de 42 linhas”, e foi essa invenção uma contribuição importantíssima à efervescência cultural que acabara por consumir a Idade Média europeia. (www.usp.br – “Do papiro ao papel manufaturado”).

Durante a história da humanidade, os valores atribuídos à leitura e ao livro foram sendo deslocados. Em 1946, no Brasil, foi fundada a Câmara Brasileira do Livro, uma entidade sem fins lucrativos que reúne editores, livreiros e distribuidores, a qual foi “uma das iniciativas criadas com a missão de desenvolver a leitura no país e difundir a produção editorial brasileira”. No entanto, o Brasil vivera durante o Governo Militar (1964-1985) mais de duas décadas de censura à leitura. Não que não se pudesse ler, mas nem todos os livros podiam circular, pois esse era um período em que se combatia a ideologia Comunista, e todo e qualquer material que fizesse alusão em favor de tal ideologia era um material que deveria ser destruído ou apreendido.

Nesse período da história brasileira, os artistas, estudiosos e leitores viveram tempos conturbados com relação à liberdade de produção e consumo

de obras. Houve censura quanto ao material que se poderia portar. Embora não houvesse critérios restritivos de censura instituídos pelo governo, o livro poderia ser censurado por causa de seu autor. Ou seja, de acordo com a nacionalidade do autor, o livro era visto como subversivo, pois funcionaria como um vetor da ideologia do autor comunista, que poderia cooptar os leitores.

Já para o público intelectualizado da época, o livro, dentre outras manifestações artísticas e literárias, podia ser tido como símbolo de libertação, ou seja, o valor simbólico do livro seria maior do que a própria vida das pessoas (assim muitos foram exilados ou mortos defendendo a não opressão). Para eles, o livro seria um meio de fazer circular um discurso que deveria ser estabilizado.

Neste trabalho, analisaremos o papel do livro, de acordo com a teoria da Análise de Discurso de cunho materialista. Fizemos um recorte de um anime (desenho animado japonês) chamado Zatch Bell (Konjiki no Gash, no original), apresentado pela Rede Globo, de segunda à sexta, na TV Globinho, um programa destinado às crianças.

O Anime

A história do anime é a seguinte: A cada mil anos, cem “mamodos” (no original, o termo utilizado é “mamono” que significa demônios em japonês) vêm para Terra a fim de decidir quem será o grande rei demônio. Cada demônio precisa de um parceiro humano para usar seu livro mágico e invocar seus poderes. Se o livro é destruído, o mamodo volta para o mundo demoníaco. O último que sobreviver no reino dos humanos se torna o rei dos mamodos.

Em primeiro lugar, queremos chamar a atenção para o nome de Zatch no original em japonês: Konjiki. Existe na cultura nipônica uma Parábola que se confunde com a história do Japão. É a Parábola do Rei Konjiki, que por causa das dificuldades que o povo enfrentava, não mais quis ser considerado como uma divindade e tomou uma posição de ser humano mortal, distribuindo as riquezas entre o povo até que a situação melhorasse. É através, então, da materialidade da língua, ou seja, no desenho do autor, que encontramos indícios que nos remetem à historicidade real de um país.

O protagonista da série é o garoto de 14 anos chamado Kiyomaro Takamine. Excelente estudante do ginásio, mas um tanto isolado por não fazer amizades facilmente. Preocupado, seu pai lhe manda um mamodo que encontra na Inglaterra, (curiosamente a Inglaterra lutou na Segunda Grande Guerra ao lado dos americanos, e os EUA em seu gênese eram colonos ingleses) chamado Zatch Bell. Os dois se tornam parceiros e, em meio às batalhas pela disputa do

trono dos mamodos, fortalecerão sua amizade. Mas antes da análise, relembremos as condições de produção do desenho.

Um Breve Histórico

O Japão, após a segunda guerra mundial passou por um espantoso processo de modernização nos mais diversos setores. Obrigados à desmilitarização, se livraram do pesado ônus dos investimentos em armamentos bélicos, direcionando os valores na recuperação das indústrias devastadas pela guerra. Enquanto a economia nipônica se recuperava, o governo investiu fortemente na educação do povo, sendo este seu maior recurso. Os livros então passaram a ser o ponto norteador de um povo devastado pela guerra.

Em consequência desse investimento, havia cada vez mais estudantes de nível superior, a fim de que houvesse a especialização da mão-de-obra. A disciplina dos trabalhadores era rígida e foi essencial para que houvesse muita produção, contribuindo assim para a rápida recuperação do país. O trabalho árduo, não só no sentido braçal, mas intelectual principalmente, passou então a ser visto como algo essencial e bom para o Japão. Era a revolução através dos livros, do conhecimento.

Nessa época os nipônicos tiveram intenso contato com o mundo ocidental, absorvendo deste o capitalismo e a corrida por um lugar no mercado exterior. A humilhação da derrota na guerra e da deposição do Imperador, que renunciou sua condição de divindade admitindo ser um ser humano “de carne e osso”, para a instauração da democracia pelos Estados Unidos da América teve de ser duramente aceita pelos nipônicos pelo bem do povo.

Mas o contato com os ocidentais possibilitou aos nipônicos a oportunidade de conhecê-los e de se deixar conhecer culturalmente. Seus costumes, tradições, religião, tudo passou a ser exportado para o ocidente através, principalmente, dos famosos mangás. Essa arte, já bem difundida há tempos no Japão, após a Segunda Guerra Mundial sofre grande influência da Walt Disney. Características faciais como olhos, boca, sobrancelhas e nariz são desenhados semelhantes àquelas dos desenhos da Disney: eles são ampliados aumentando, assim, a expressividade das personagens. Com isso os mangás, mais tarde transformados em animes, ganharam o mundo todo difundindo dessa forma a cultura e a ideologia japonesa.

Quando pensamos em difusão de informações culturais estamos indiscutivelmente analisando a linguagem utilizada para que isso seja possível. E para fazer tal análise, respaldamo-nos na Análise do Discurso.

Fundamentação Teórica

A Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (2006) tem seus fundamentos constituídos pela convergência de três disciplinas:

- A Lingüística, trazendo a noção da não-transparência da linguagem: não se procura o que o autor quis dizer, mas como se deu esse acontecimento na materialidade da linguagem;
- A Psicanálise, com o conceito de inconsciente que desloca o sentido de indivíduo para sujeito, sendo este constituído por sua relação com o simbólico dentro da história;
- O Marxismo, que traz a questão da ideologia.

Assim, temos uma relação entre o inconsciente, constituído pelo discurso, a ideologia, que constitui o discurso e a linguagem, onde o discurso ideológico se materializa.

A Análise

Após essa breve descrição do contexto histórico do Japão no pós-guerra, e dos conceitos que orientam a Análise do Discurso, podemos passar para a análise do *corpus* que selecionamos. A ilustração a seguir é o recorte de uma cena do anime Zatch Bell (Konjiki no Gash, nome original em japonês), publicado em 2001 por Makoto Raiku e lançado na TV em 2005.



Vejam os primeiramente então a escolha das características físicas das personagens feitas pelo autor do desenho: o demônio tem olhos grandes (como já vimos, olhos grandes são típicos de mangás) e de cor clara, assim como cabelos loiros remetendo ao fenótipo ocidental. Kiyō, o adolescente japonês, possui cabelos escuros e olhos castanhos, remetendo ao fenótipo nipônico. Se fizermos a leitura de que Zatch representaria os ocidentais estados-unidenses (originalmente descendentes de Ingleses) e Kiyō os japoneses, podemos entender que o Japão propicia aos Estados Unidos as ferramentas (Kiyō é quem é capaz de ler o livro para dar poder a Zatch) para que eles possam exercer poder e dominar o mundo. Trazendo isso para 2008 e tomando Kiyō como o representante dos orientais de uma forma mais geral, podemos relacionar as personagens ao domínio econômico Norte Americano vigente, propiciado a partir principalmente da mão-de-obra oriental: China, Coréia, Japão, etc.

Como mencionado, Kiyō dá poder a Zatch por meio de um livro mágico. Somente a ele é conferido o poder de ler as palavras mágicas que deflagrarão um ataque de Zatch podendo destruir estruturas físicas, além de atacar seus inimigos, os outros demônios (que poderiam ser interpretados como os países que ameaçam a soberania estado-unidense política e economicamente no mundo), e no final Zatch poderá obter uma recompensa: se tornar rei. Caso a leitura do livro seja feita por outro ser humano que não seja “o escolhido”, as palavras se tornam ilegíveis, ou seja, o livro não tem sentido nenhum se não estiver nas mãos certas. Sob certa perspectiva, poderíamos então aproximar o livro de Kiyō à Bíblia, que por muito tempo só pôde ser lida pelas “pessoas certas” (clérigos da Igreja), e que de certa forma, ainda hoje, só tem poder quando interpretada pelas pessoas certas. Segundo a própria Bíblia, as palavras que lá estão não podem ser diminuídas ou acrescentadas, e a todo homem que se reveste de tal palavra é concedido poder, o poder do próprio Deus. Revestido do poder de Deus, o homem é capaz de operar milagres, assim como fazer conquistas de ordem material e derrotar seus inimigos (vencer exércitos). Ainda sobre o livro vemos que, na hora da leitura das palavras mágicas, uma luz amarela é expelida, o que possibilita a Kiyō a leitura de mais e mais palavras que antes não conseguia decifrar. Como se quanto mais se lê, mais se é capaz de ler, e mais poder é concedido. Podemos então pensar no imaginário que há, ao menos nas sociedades letradas, sobre aquele que tem o poder dado pela leitura.

Sabemos que o autor Makoto Raiku, sendo japonês, possui a memória discursiva de um país que não só foi devastado na guerra pelos Estados Unidos da América (o demônio), como foi obrigado a se desmilitarizar, a assinar um pacto de paz e ser ocupado pelos americanos (o demônio foi enviado pelo pai de Kiyō para que este convivesse em harmonia com os amigos). Aqui a imagem do pai remete aos mais velhos habitantes japoneses, que no pós-guerra preferiram

conviver de forma pacífica com os americanos a continuar devastando seu país; a imagem do livro mágico que refuta os inimigos retoma a importância do livro no espetacular crescimento japonês e sua colocação no mercado mundial através de altos investimentos na educação do povo.

Outra observação que fizemos foi da semelhança entre o recorte da cena do desenho mostrada acima e uma foto tirada logo após o ataque americano à Nagasaki. Encontramos o mesmo estilo de construção, principalmente nas portas arredondadas e janelas, e o solo remexido devido à explosão.

Não acreditamos que seja coincidência, mas sim um esquecimento (Pêcheux 1990) que faz com que o autor pense que partiu dele a construção do desenho, mas inconscientemente ele retoma o discurso histórico do qual faz parte.



Conclusão

Essa foi a interpretação que pudemos fazer de Zatch Bell. Entretanto, a discussão que profundamente nos interessa, é que a partir desse tipo de análise, é possível refletir o quanto não imparciais ou neutros são os discursos e por consequência as produções que são feitas por indivíduos interpelados em sujeitos. Outro ponto é quão fantástica é a habilidade humana de se comunicar a partir de diferentes formas de linguagem, produzindo diversos efeitos de sentido através do mesmo símbolo, e sagazmente por meios distintos estabilizar seu discurso e assim ser capaz de determinar e alterar os cursos das vidas de outros sujeitos.

Referências Bibliográficas:

- ALTHUSSER, L. (1998). *Aparelhos Ideológicos do Estado*. 7ª Edição. Ed. Graal, RJ.
- GINZBURG, C. (1989). *Mitos, emblemas e Sinais- Morfologia e História*. Ed. Companhia da Letras, SP.
- ORLANDI, E. P. (2005) *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Ed. Pontes, Campinas.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O Discurso*. Ed. Pontes, Campinas.
- Bíblia Sagrada. Evangelho de João, capítulo 1, versículo 12; Hebreus, capítulo 4 versículos 12; Apocalipse, capítulo 22 versículos 18-19.
- “Beauty and the Beast” – Walt Disney Pictures, 1991
- Sites consultados:
- <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>
- http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3697
- <http://www.culturajaponesa.com.br>